

A "ÁRVORE DA VIDA" NO GÊNESIS OU AS REVIRA-VOLTAS DA HERMENÊUTICA

Hubert LEPARGNEUR

RESUMO

Neste artigo o autor apresenta algumas considerações que permitiriam uma interpretação hermenêutica do mito bíblico da "árvore da vida". O texto versa basicamente sobre três questões: Qual a contribuição desse mito para a moderna bioética da procriação humana? Qual a proibição que ele contém? Será essa proibição ainda válida? O autor conclui apontando três pontos: 1. A confusão do texto bíblico; 2. A interpretação hermenêutica do mito; 3. A crise do interpretação do "pecado original".

ABSTRACT

In this article the author considers de Biblical mith of the "Tree of life" in hermeneutic terms. The text is basically concerned with three questions: What is the contribution of this mith to the modern bioethics of human procriation? What prohibition does it contain? Is this proibition still valid? The author concludes pointing out three problems: 1. The confusion of the Biblical Text; 2. The hermeneutics of mith; 3. The crisis of interpretation of the "original sin".

Nosso ponto de partida foi o seguinte: tem o mito bíblico da "árvore da vida" algo a nos dizer a respeito da moderna bioética da procriação da vida humana? Proibição camuflada, de que? Ainda válida? Como se trata de um mito primitivo que suscita interpretações há séculos, o tema é provocante para a reflexão hermenêutica. Sem pretender comentar o primeiro pecado por si mesmo, não podemos prescindir da "árvore do conhecimento do bem e do mal". Limitar-nos-emos a esclarecimentos sobre três pontos apenas. 1) A confusão do texto sagrado favoreceu o conflito das interpretações de Gên. II e III. 2) Da exegese simbólica à hermenêutica psicanalítica. 3) A presente crise da interpretação do "pecado original" ilustra a vulnerabilidade teológica frente à hermenêutica.

I - A CONFUSÃO DO TEXTO FAVORECEU O CONFLITO DAS INTERPRETAÇÕES

"E o Senhor Deus tinha produzido da terra toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a **árvore da vida no meio do jardim**, e a árvore do conhecimento do bem e do mal" Gên. 2, 9. "Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dele comeres, certamente morrerás" Gên. 2, 15-17. Esta proibição, que aponta apenas a árvore do bem e do mal, foi dirigida a Adão ainda solteiro: os dois trechos citados precedem o relato da formação de Eva (em 2, 21-25). Seja como for, a atual narrativa do Gênesis provém da compilação de vários mitos anteriores, convergentes ou divergentes, sem homogeneização do texto final, o que não facilita mas enriquece o trabalho hermenêutico.

Defrontamo-nos primeiro com a questão de saber se havia uma ou duas árvores proibidas no Éden. A conjunção "e" que traduz a partícula unindo "árvore da vida no meio do jardim" e "árvore da

ciência do bem e do mal" (em Gên 2,9) é ambígua, permitindo ora "e" ora "ou seja". lavé tem falado em "árvore da vida no meio do jardim", enquanto mais adiante lemos para o mesmo local a "árvore da ciência" (em 3,3). Como discordar então do exegeta Herbert Haag quando declara que "o próprio lavista não soube como arranjar exatamente o papel das duas árvores". A confusão é tal que vários exegetas¹ prescindem da menção da árvore da vida, como sendo uma glosa tardia e errada. C. Westerman² pensa que se trata da mesma planta duas vezes descrita pela fusão de versões anteriores ("a árvore da vida, isto, é, a árvore da ciência ética"). Em seu favor, invoca a resposta de Eva à serpente: "Comemos do fruto das árvores do jardim, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais" (Gên3, 2-3). Gên 3,5 indica que se trata ainda da árvore da ciência do bem e do mal. No século passado Mgr Darboy tece assim sua catequese: "O Éden tinha duas árvores notáveis entre todas: a árvore da vida, que devia comunicar ao homem a imortalidade, porque Deus vincula seus favores como quer, e a árvore da ciência do bem e do mal, talvez assim chamada porque, tocada apesar da proibição divina, o homem devia conhecer **a posteriori** todo o bem que tinha acabado de perder, todo o mal que tinha despencado sobre sua cabeça (...). Senhor absoluto, Deus fez um mandamento infinitamente sábio: tomou por objeto da prescrição um objeto sensível por causa de nossa natureza complexa; em sua bondade, deu uma ordem fácil, a existência devendo continuar cômoda com a condição de ser inocente."³ O arcebispo de Paris não deixa de salientar que Deus é soberano nas suas prescrições. O que seguiu é conhecido. "Tal foi o primeiro crime que sujou a terra; nele todos os crimes posteriores têm sua causa original e seu modelo."

Segundo o orientalista Edouard Dhorme (Bíblia da Pléiade), "ambas as árvores têm um papel a desempenhar na história da tentação, a da ciência do bem e do mal (2, 17 s.) e a da vida (3, 22-24)." "Ordem divina. A ciência o bem e do mal é reservada a Deus (3, 4-5)." Comentário pouco convincente por parte do ex-dominicano;

a expressão divina "Eis que o homem tornou-se como um de nós, conhecedor do bem e do mal" (3, 22) é irônica para Dhorme, mas não para a biblista Pe de Vaux. Esperamos que Adão tenha entendido melhor que nós a proibição porque uma ordem confusa é pouco eficaz, além de criar inútil perplexidade e angústia. Os comentários modernos nem sempre são mais elucidativos, como o evidência este de uma exegeta descrente mas competente: "O fruto proibido é do domínio do espírito. Se Deus precave o homem contra o fruto da árvore da onisciência, não é para privá-lo de alguma coisa; pelo contrário. É para impedi-lo de se perder numa pseudorealidade. É esta consciência de existir, de que é provido e que o isola de alguma maneira na criação (...). Não é para provar o homem que Deus plantou esta árvore perigosa entre tantas árvores deliciosas do jardim, é para dar ao homem a liberdade de espírito (sem a qual não há amor nem adoração), indicando-lhe claramente desde o início, que esta liberdade implicava na criatura limites a não superar. A ciência, sim, mas não a onisciência. A racionalidade, sim, mas não o racionalismo. A lógica, mas não a lógica totalitária."⁴ Glosa de um moralismo insípido mais freqüente que convincente. Segundo O. Loretz, a proibição do Gên 2, 16-17 reflete um mito que, inserido no quadro geral do Gên 2 e 3, deve ser entendido à luz da interpretação javista";⁵ sem dúvida, mas o que se quer dizer exatamente com isto? Será o pecado original de soberba? "Poder-se-ia dizer que a soberba do homem tenha-se expresso na sua aspiração ao conhecimento do bem e do mal!" Estranha ou compreensível "soberba"?

Vários mitos evocam de fato uma planta de vida guardada por uma serpente.⁶ O que foi esta árvore da vida? C. G. Jung citou palmeiras e ciprestes como "árvores de vida" e símbolos femininos.⁷ Ainda que a Bíblia de Jerusalém opina que o primeiro pecado foi de orgulho, vários comentaristas interpretam a ciência do bem e do mal do Gênesis como referindo-se ao conhecimento sexual; a árvore da vida poderia então ter o mesmo significado, sobretudo se se repara que a reprodução sexual da vida é o meio para entreter uma vida sem limite, à nível da espécie. Mas não se entende tal proibição neste

contexto de sã normalidade. Oosten e Moyer pensam que o conceito de vida e sexualidade é primitivo,⁸ e a conotação de "bem e mal" um acréscimo posterior; mas por que? Não basta observar com o competente prehistoriador André Leroi-Gourhan que as primeiras expressões artísticas da humanidade - de que se tem conhecimento - misturavam a temática sacral com a temática sexual. A vida humana enraíza-se com efeito num inconsciente religioso, subsolo misterioso e transcendente; de que infinito provém? para que infinito se dirige?

lavé criou livremente o homem à sua imagem. Por outro lado, proíbe-lhe ora a ciência da vida, certo discernimento ético, ora ambos, sob pena, ao dizer da serpente, de se parecer mais com ele, lavé (Gên 3, 5). A Serpente aproxima explicitamente a semelhança com os deuses e o conhecimento do bem e do mal. Isto nos deixa ainda hoje profundamente perplexos porque a mensagem está longe de ser clara, apesar de milênios de comentários. Em Gên 3, 6 Eva desejou o fruto, inclusive "para se tornar inteligente"; quando o casal comeu" seus olhos se abriram" (3,7): referência à ciência do bem e do mal, mas, juntamente à sexualidade, por causa da consciência da nudez (mesmo versículo). Ciência ética, consciência culposa, sexualidade, processo de hominização.

No diálogo entre a mulher⁹ e a serpente, o que está em questão é a ciência (moral) e a divindade (imagem de Deus), não a vida. De qualquer maneira, entre o exercício natural da sexualidade e a fecundação artificial de nossos dias não haveria nenhuma diferença face ao efeito de "imortalização" (relativa) da espécie. O ser humano se tornando mais profundamente co-criador de sua descendência, feita à sua imagem, apenas estreitaria sua semelhança com o Ser autosuficiente, à cuja imagem somos feitos.

Fica incerta a hipótese de duas árvores proibidas, uma que levaria à imortalidade, outra à ciência ética. De um lado como do outro, não faltaria a graça. Por um lado, sabemos que a Igreja defendeu durante séculos a teoria dos "dons preter-naturais", incluído

a imortalidade, outorgados desde o começo ao primeiro casal: então, por que tentar com a promessa daquilo que já se tem? Por outro lado, Tomás de Aquino nunca foi criticado por ter defendido que a distinção fundamental entre o ser humano e os outros animais reside precisamente nesta "ciência do bem e do mal", outorgada portanto desde os primórdios do primeiro casal; novamente perguntamos: por que tentar com a promessa daquilo que já se tem? Como de costume diante de perguntas embaraçosas sobre o fundo, os exegetas fogem com eruditas observações filológicas e semânticas que em nada esclarecem a questão mais obviamente pendente.

Que haja conexão entre o conhecimento humano, a sexualidade e o fenômeno vital, a língua hebraica nunca o escondeu, desde que o verbo **jada (yâdà)** serve na bíblia (como em todas as línguas semitas) tanto para "conhecer", saber, quanto para "ter relações sexuais". Não poderia o cientista moderno argumentar desta equivalência para defender o Fivet (fecundação artificial): a fim de conseguir a imortalidade da raça, tanto faz a relação sexual de nossos avós quanto a mais moderna técnica de fecundação? Assim seria enfim concedido à nossa geração entender porque a árvore da vida é a mesma que a árvore do saber (mas outras razões nos impedem de defender esta tese). Phyllis Tribe¹⁰ imagina até três descrições da mesma árvore (Gên 2,17; 3,3; 3,11), mas sem ressaltar distinções relevantes. Por seu lado Mieke Bal¹¹ acredita discernir uma progressão nestas três alusões: 2,17 refere-se ao conhecimento sexual, transmissor da vida; 3,3 vincularia este poder gerador à morte (individual) e 3,11 significaria a desobediência humana que fez passar da submissão cega de 2,17 para o contexto da libertação sexual de 3,11. Enquanto isso, outros exegetas descartam qualquer conotação sexual no "pecado original", o que tampouco projeta luz alguma sobre o contexto atual da bioética.

Eva "**viu** que o fruto da árvore era gostoso para comer, formoso para considerar e de aspecto agradável... e os olhos de ambos se abriram" (Gên 3, 6-7). O verbo hebraico **ver** possui também

uma forte conotação de **verdade** (como nas línguas modernas): vejo, isto é, entendo a realidade, conquisto nova penetração daquilo que é. Teria Eva entrevistado e aceito as implicações da sexualidade e os mecanismos biológicos da geração, inclusive aqueles que deviam vir à tona apenas em nossos dias? Mesmo nesta hipótese, o que se deduziria para nós de certo e concreto?

Evelyn Reed¹² não é a única antropóloga que chamou a atenção sobre o bloqueio pelo qual eram confundidos antigos tabus sexuais e alimentares dos tempos do totemismo. A prolongação da vida, tanto individual quanto da espécie, constitui seguramente e a longo prazo uma meta fundamental de qualquer cultura, mas isto nos proporciona pouca luz para entender o Gênesis, senão ao nos lembrar que as zonas de vital interesse são as zonas de predileção para proibições e tabus. O conteúdo exato do tabu é que menos se destaca; por isso não guia a moderna bioética. E. Reed sugere que o proibido velado do Gênesis era o canibalismo.¹³ Canibalismo e incesto são realmente os objetos dos tabus fundamentais, com vistas à preservação da vida da espécie humana. Mas estas defesas não eram prematuras no ambiente do primeiro casal?

M. Bal acrescenta a idéia que tanto lavé quanto a serpente soltam ao primeiro casal meias verdades. "Ambos são espertos, escondendo parte da informação, sem ir até a mentira. lavé acentua a condição mortal, a serpente salienta o conhecimento (que adviria do comer a maçã). Juntos, em colaboração, seduzem o primeiro casal para levá-lo a aceitar o inevitável, isto é, a renunciar ao fantasma infantil na imortalidade individual."¹⁴ O primeiro casal assumiu, com o risco de ser expulso do Éden onde jamais entraram. Talvez não haja muito mais a tirar por enquanto do simbolismo da árvore proibida "do meio do Éden", mas a história atual da bioética situa-se fora deste Jardim, no centro do qual brotou a planta enigmática.

II - DA EXEGESE SIMBÓLICA À HERMENÊUTICA PSICANALÍTICA

Um dos grandes desafios de toda exegese é de inserir o sentido do texto antigo num quadro aceito ou pelo menos aceitável

dos conhecimentos presentes. O simbolismo das duas árvores do Éden relaciona-se com um acréscimo da consciência humana e um acréscimo da vida humana: ampliações que parecem vetadas, quando suporíamos no criador (que nos criou à sua imagem) o desejo de ver, no ser a quem outorgou a razão, um dinamismo conquistador. O mistério da lei não embarçou o próprio Paulo de Tarso? "Como um evento tão desprovido de importância aparente pode ter causado o imenso sofrimento do mundo? Será para castigar uma tão leve transgressão que a história do mundo recebeu a sentença de condenação a tanto derramamento de sangue e de lágrimas?" pergunta um eminente exegeta.¹⁵ Mito fundamental, mas "escrito em linguagem sibilina" (id.). Contudo a exegese cultiva, amiúde com elegância, a arte de esquivar problemas de fundo mediante a prestação erudita que chama a atenção sobre questões de formas verbais. Ou ainda enveredam por soluções ora evidentes ora duvidosas, como quando o Pe. de Vaux declara na Bíblia de Jerusalém que a "árvore da vida, no meio do jardim" (2,9) "simboliza a imortalidade de que teria gozado o homem se ele tivesse permanecido inocente": infelizmente, hoje poucos acreditam neste favor da imortalidade primitiva. Em que consiste também este "conhecimento do bem e do mal" (proibido em 2,17), que não é a onisciência divina, inalcançável à criatura, nem o discernimento moral "que Deus não pode recusar à sua criatura razoável" (P. de Vaux). Seria, para o antigo diretor da Escola Bíblica de Jerusalém, uma reivindicação abusiva de autonomia moral, culpa de orgulho que se rebela contra uma clara ordem divina. Talvez a ordem era clara para Adão, mas seu conteúdo de ser claro para nós. Gên 3,16 s. fala em "penas hereditárias", segundo Pe. de Vaux, que concede que o conceito de "culpa hereditária" só aparecerá com S. Paulo (Rm 5); entretanto veremos que todo este quadro simbólico parece superado na visão moderna expressa notadamente pelo Pe Martelet, s. j..

Se o sagrado envolve a camada mais profunda da psique humana, entende-se que a bíblia fale do divino em termos mais próximos do vocabulário da psicanálise do que da língua da escolástica.

A psicanálise situa fundamentalmente os seres humanos através de seu sexo e lugar na seqüência das gerações; e também a bíblia. Deus criou o ser humano à sua imagem, ele o criou homem e mulher, em hebraico **Ish** e **Isha**: duas letras comuns e uma terceira que traz a diferenciação, a saber **yod** como um punhal e **hé** com abertura para baixo. As duas letras comuns significam fogo.

A árvore do conhecimento não teria relação com a sabedoria, a **sophia** que, na esfera do gnosticismo e da magia, é concedida ao ser humano para que acelere artificialmente a obra da natureza? Na perspectiva jungiana, todos os mitos da criação simbolizam o processo da passagem à consciência, a partir de arquétipos comuns à psique humana. A alquimia projetou os processos psíquicos no processamento da matéria, como as religiões os projetaram nos seus mitos. A Sabedoria seria ao mesmo tempo a companheirada divindade e uma virtualidade da criação que aspira à conscientização no ser humano. Segundo G. von Rad, o conhecimento do bem e do mal possui "um alcance bem mais amplo do que o simples saber intelectual, de acordo, aliás, com o uso da língua hebraica. A palavra **yâdâ** comporta a experiência e o domínio de todas as coisas, inclusive dos mistérios, pois o bem e o mal não devem ser entendidos unilateralmente, num sentido moralizador, mas enquanto exprimem uma universalidade e aludem à capacidade de compreender tudo."¹⁷ Mas que capacidade tinha Adão de usurpar o saber divino? seu know-how criador? O erro de pretender "abraçar demais", para von Rad, se transforma em Erich Fromm no erro de "se separar da totalidade" ao assumir sua diferença. Para este analista a árvore do conhecimento levou à angústia gerada pela separação. A desobediência levou o primeiro casal à consciência da própria identidade, isto é, da própria diferença.¹⁸ Teríamos a seqüência: consciência, liberdade, pecado, culpa-ansiedade, dilaceração interior e separação social, status humano; a salvação etária na recuperação do amor que reúne e apazigua.

Outra psicanalista contemporânea, M. Balmory, distingue as duas árvores. A árvore proibida, a da escolha, está ao lado da árvore plantada no centro do jardim, a árvore da vida.¹⁹ Mas o que lavé vetou pela árvore proibida? Na interpretação desta hermeneuta cristã, não foi vetado o conhecimento mítico do bem e do mal, mas a fusão que pretenderia "comer" o parceiro, isto é, fazê-lo desaparecer para satisfazer o eu (a coisa comida transforma-se na carne de quem come). "Esta árvore torna-se árvore da lei, da relação, da palavra"; acrescentamos, da tolerância. O problema primordial, anterior ao amor natural, é com efeito de deixar ao outro o espaço que lhe permite ser ele mesmo, de viver, respirar, desabrochar, espaço impenetrável, de incompreensibilidade. A oposição é absoluta entre "comer" e "respeitar a diferença do outro". Comer é suprimir a diferenciação, reduzir o outro a coisa comestível, satisfazendo os desejos do eu. "Para conhecer aquilo (ou quem) é diferente de mim, é preciso que eu me abstenhe de comê-lo." Não sabemos como Eva desobedeceu a esta ordem de respeitar a alteridade de Adão; nem como Adão, conseqüentemente, desrespeitou a mesma ordem, que lhe era imediatamente dirigida. mas confessamos que esta interpretação atrai mais que a "ortodoxia" que tenta explicar como Deus teria proibido que o primeiro casal acedesse ao discernimento ético. Pecado sexual não parece, por falta de sentido no contexto; seria uma culpa coletiva. O símbolo relativiza a imagem concreta, mas normalmente tende a exprimir uma estrutura. Em resumo, a última interpretação apresentada focaliza o centro nevralgico do pecado das origens²⁰ como algo que diz respeito às relações do casal, do eu e do tu, de maneira mais geral, portanto interessa à identidade e à diferença, à palavra no final. O sexo entra como sinal da diferença primária entre os seres humanos. É também no casal que a tentação seja, senão mais forte pelo menos mais sutil, de se subordinar totalmente o outro num egoísmo narcíseo. O outro não passaria de pálido reflexo do ego, subordinado às suas necessidades ou desejos.

Adão podia sentir esta tentação de dominação com Eva que foi formada a partir dum pedaço do próprio corpo. Mas como explicar então que esta dominação passe, depois, de tentação a castigo da mulher? "O teu desejo será para o teu marido e ele te governará" Gên 3, 16. Deus sabe se o feminismo tenta superar a magia deste pedaço de frase. Por sua vez Eva podia experimentar esta tentação no tocante ao próprio filho, carne de sua carne (reencontraremos o tema com o arquétipo da grande mãe: quem pode afirmar que o desafio não mais existe?). Estranho é que o texto bíblico parece relacionar o princípio da perturbação entre os seres humanos com a convivência de Eva com Adão. Teria a mulher negado, senão uma subordinação hoje muito discutida, contestada (lavé disse: "não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" 2, 18, não uma serva), pelo menos sua diferença? M. Balmory sugere aqui a inveja freudiana do falo, que ela aproxima da serpente, sem preocupação de estreita fidelidade a Freud. Recusa da própria diferença, da identidade? Por vir de Adão, Eva teria pensado algo como: "Aquele homem, eu o conheço." Conheceu nada; a pessoa do outro é sempre indecifrável, impenetrável. Só depois, Adão teria pensado em algo como: "Aquele companheira, eu a conheço, vem de mim." A distância de pessoa para pessoa encontra-se tanto entre gerações quanto no casal: vínculo biológico não deve vetar a palavra que é ponte de correlação entre os seres humanos. A palavra é a raiz da cultura que permite a humanização. A arqueoantropologia chega também a situar o acesso à palavra articulada entre os dados absolutamente primordiais da hominização, ainda que requerendo uma evolução biofisiológica, tanto em relação ao cérebro quanto em relação ao órgão de fonetização no laringe. Aqui se situa a hipótese que a mulher teria sido o primeiro ser a falar há apenas 200.000 anos, o que é pouco verossímil.²¹

Sem esperar as glosas de Emmanuel Lévinas detemos com a descoberta da diferença e o respeito pelo outro as raízes da cultura e não apenas da ética. Identidade e diferença são tão inseparáveis quanto pessoa e pessoa, quanto antropologia individual

e organização social, quanto a paz e a tolerância. "O interdito da árvore do conhecimento instituiu a alteridade"²²; pode ser.

III - A PRESENTE CRISE DA INTERPRETAÇÃO DO PECADO ORIGINAL ILUSTRA A VULNERABILIDADE TEOLÓGICA FRENTE À HERMENÊUTICA

Não escolhemos por acaso a exegese do relato mítico do pecado na sombra da árvore central do Éden: hoje em dia este fundamenta o capítulo da teologia cristã mais subvertido pela hermenêutica.²³

Segundo uma opinião comum, professada ainda por descrentes, "quanto mais se remonta à raiz da vida, mais se aproxima do transcendente".²⁴ O mito do Éden possui portanto os ingredientes aptos a aguçar nossas capacidades de interpretação. Contudo a fase atual deste debate ultrapassa o quadro dum pluralismo homogêneo e estimulante na mesma problemática ou ainda na perspectiva irônica de suave desenvolvimento ao qual gostavam sonhar os antigos teólogos. Como testemunha da última e atual fase desta evolução, evocamos o livro do Pe Martelet sobre o pecado original, ainda que discordemos de sua tentativa de minimizar as discrepâncias nas interpretações recebidas na própria Igreja de Roma.

"Seguramente nem Paulo nem o autor do Gênesis sabia mais do que nós, do ponto de vista estritamente histórico, sobre o primeiro homem e seu primeiro pecado."²⁵ Não é exatamente isto que a Igreja ensinou durante mais de mil anos. O que surpreende no livro do Pe Martelet é que ele acha "incrível" o que a Igreja ensinou durante séculos. Vejamos: "Como Paulo pode fazer pesar sobre um único indivíduo, de identidade hipotética e perdido nas brumas da história, uma tal carga de responsabilidade: a de ter introduzido, ele mesmo, e ele sozinho para todos, o pecado e a morte que, sem ele, não teriam entrado? Pretender, como alguns fazem hoje, que a morte de que se trata não é a morte biológica, mas a morte espiritual ou escatológica,

só pode piorar o problema. Como investir um só indivíduo (ou casal) e sob forma nascente, uma tal responsabilidade quanto à história espiritual do mundo?"²⁶ Então a questão das árvores passa a segundo ou terceiro plano, sem desaparecer do campo de investigação dos mitólogos. "Ao apontar Adão como o sujeito empiricamente responsável pela entrada do pecado no mundo, no sentido causal, o locutor torna-se odioso ou ridículo" (id.). Concordamos para admitir que o (eventual) primeiro casal não foi mais pecador do que outros, "e provavelmente muito menos" (id.). Demoramos quase dois milênios após Cristo, porém, para ouvir isto sem escândalo dentro da Igreja: expulsa pela janela no começo deste século, a hermenêutica reentrou calmamente no edifício do saber, pela porta principal.

Após a Igreja ter insistido durante quase dois milênios sobre o caráter histórico duma remota desobediência que envolvia serpente, árvore e maçã, numa ocorrência que desencadeou trombas d'água e de sofrimentos sobre a cabeça da humanidade toda, nosso jesuíta escreve tranqüilamente que "a culpa original, o primeiro pecado, afinal, para o Gênesis, é o pecado atual, metaforicamente projetado no começo da história". "Não é (mais) preciso procurar em Adão o responsável universal pelo pecado do mundo." Passar em teologia do pecado original, da mediação da hereditariedade genética para a mediação da cultura ambiental não constitui um salto pequeno: "Esse é o primeiro sentido do pecado original, ser anterior à liberdade de cada indivíduo, objetivamente marcado por ele, pelo fato de entrar num mundo historicamente pecador." Se o mal é natural, será ainda pecado? Precisamos ainda da fé para chamar ato de liberdade o começo da perturbação, e não necessidade ou destino.

Não queremos insistir em demasia, mas o círculo hermenêutico parece completo, do sentido literal à quase evaporação da ocorrência. Mito é muito e sempre subsiste nele uma mensagem escondida. Em cada época a Esfinge é declarada vencida pela agudeza de nossa capacidade de entendimento, mas pouco depois ela lança sua pergunta com renovada pujança e uma resposta bastante diferente pretende lhe responder. Ao final de seu livro

sintomático, o Pe Martelet resume sua avaliação: "A figura bíblica de Adão é o símbolo totalizador das influências perversas inevitáveis exercendo-se sobre os indivíduos. O primeiro pecado cronologicamente não oferece particular importância. O pecado original contrários por cada um não tem consequência eterna. A justiça divina julga cada um segundo suas obras conforme um discernimento delicado, levando em conta os dons recebidos." É só conferir com antigos catecismos para presenciar a operatividade da hermenêutica.

O desafio, porém, nunca cessa. Afinal até onde vai o domínio da raça adâmica sobre a criação e a natureza, inclusive a sua? Sobre isso, vamos refletir na sombra da árvore da vida ou na sombra da árvore do conhecimento? "Árvore da vida" ainda hoje é a sabedoria, conforme **Provérbios 3, 18 e 11, 30**. "Árvore da vida" é também a vida eterna, se bem entendemos **Apocalipse 2,7 e 22,2**.

Por enquanto, a moral é o confronto do ser histórico com um absoluto que se apresenta na forma de um interdito. Os desejos se chocam com a razão que impõe suas limitações e proibições. A razão é a lei do pai. Tudo isto é hoje assimilado. Mas por que a Lei do Pai, por que o Ordenamento da Razão, tomou, no mito do Éden, a forma duma proibição que disse respeito ao saber e/ou à vida? Na gênese da moral segundo o psicólogo Antoine Vergote, o bem procede duma exigência da razão que contesta uma desordem anterior à constituição do bem.²⁷ O relato do Gênesis inverte os dados: em primeiro existe o bem e depois vem a lei que provoca a desordem. "A culpabilidade é inelutável no devir da consciência. A boa consciência é sempre a má consciência superada, ou melhor, em via de superação".²⁸ Portanto era preciso uma árvore proibida. "A consciência moral não existe, ela se contrõe. Surge como resposta ao absoluto da palavra de um outro, que contesta o desejo originário e o chama ao reconhecimento."²⁹ Sim, mas por que ter desafiado o objeto que parece o mais legítimo da liberdade, o saber e/ou a vida? Por respeito pelas futuras gerações de hermenutas, temos que deixar algumas questões em aberto. "O caminho da humanidade não é por acaso reconstituível como uma contínua superação do limite?"³⁰

NOTAS

- (1) H. Budde, A. Kittel, P. Humbert. B. Jacob julga que são duas árvores, mais ou menos **no** (preposição **betôk**) centro do jardim. Maiores informações em A. Schultz, **La Sacra Biblia**, Torino-Roma, Marietti, vol. Genesi I, por P. E. Testa, 1969, p. 281 s.
- (2) C. Westerman, **Genesis I-II**, Neukirchen, 1966.
- (3) Mgr. G. Darboy, **Les femmes dans la Bible**, Paris, Garnier, s. d., p. 10-13; o autor foi executado pela Comuna de Paris em 1871.
- (4) Paul Nothomb, **L'homme immortel. Nouveau regard sur l'Éden**, Paris, Albin Michel, Bibliothèque de 1° Hermétisme, 1984, p. 104; do mesmo, **L'image de Dieu ou la vanité de la mort**, Paris-Bruxelas, La longuevue, 1985.
- (5) O. Loretz, **Criação e mito**, S. Paulo, Ed. Paulinas, 1979, p. 124. A fim de lembrar a origem mitológica dos dois conceitos de árvore, da serpente (símbolo do culto cananeu da fertilidade) etc., mencionamos a epopéia de Gilgamesh, do século XII antes de nossa era: Utnapishtim, o homem imortal que vive sozinho num paraíso, quer dar um presente a Gilgamesh, que se despede. "Vou te revelar, Gilgamesh, uma coisa secreta. É uma planta semelhante ao espinho albará... se tuas mãos tocarem esta planta, encontrarás a vida" (Schockel, **Das Gilgamesh-Epos**, Stuttgart, 1966, p. 109). As narrações bíblicas sobre o paraíso são da fonte iavista, originária de Judá.
- (6) Mircea Eliada, **Tratado de história das religiões (Traité d'histoire des religions)**, Payot, 1964, 310-324).
- (7) C. G. Jung, **Psychologie et alchimie**, Buchet-Chatel, p. 98.
- (8) Jarich Oosten e David Moyer, De mythische omkering; een analyse van de sotiale code van de scheppingsmythen von Genesis 2.46 - II, **Antropologische verkenningen I**, 1, 1982, p. 72.
- (9) 'icha é a mulher, Eva, como ich a designação do homem, ha-'adam referindo-se ao ser humano em geral.
- (10) P. Tribe, **God and the Rhetoric of Sexuality**, Philadelphia, Fortress Press, 1978, p. 199.
- (11) M. Bal, **Femmes imaginaires**, L'Ancien Testament au risque d'une narratologie critique, Québec, Ed. Hurtubise, 1985, p. 232.
- (12) E. Reed, **Women's Evolution. From matriarchal clan to patriarchal family**, Nova York, Pathfinder Press, 1975.
- (13) *Op. cit.*, p. 279.
- (14) *Op. cit.*, p. 235.
- (15) Alfred Läpple, **The Bible in the changing world. The problem of Genesis**, Mercier Press, s. l., 1967.

- (16) Ruska, **Das Buch der Alaune und Salze**, p. 62. M. -L. von Franz, **Aurora consurgens**, em Jung e Franz, **Mysterium coniunctionis**, Zurich, vol. 3, 1956, p. 199.
- (17) G. von Rad, **Teologia do Antigo Testamento**, São Paulo, trad. Aste, 1973, t. 1, p. 162.
- (18) Erich Fromm, **A arte de amar**, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1971, p. 29.
- (19) Marie Balmory, **Le sacrifice interdit. Freud et al Bible**, Paris, Grasset, 1986, p. 254 s.
- (20) Escrito em estilo psicanalítico, o texto de M. Balmory é mais sugestivo que claro; por isso interpretamos livremente sua intuição.
- (21) Num congresso realizado em San Francisco no começo do ano 1989, o bioquímico Allan C. Wilson apresentou a tese heterodoxa segundo a qual a linguagem teria principiado há apenas 200.000 anos, na boca da mulher (uma mulher subsaariana, teatro duma mutação genética). Esta seria uma indução feita a partir da análise do material genético do mitocôndrio, sem comprovação por enquanto.
- (22) M. Balmory, p. 256.
- (23) Lastimamos apenas que, para não alongar exageradamente este artigo, deixamos de lado outros desenvolvimentos relacionados com o tema do primeiro pecado.
- (24) Convicção do Lou Andreas-Salomé, célebre amiga de Nietzsche, Rilke, Freud, Adler..., segundo seu biógrafo H. F. Peters, **My sister, my spouse**, N. Y., 1962, p. 426 (existe uma trad. br.).
- (25) G. Martelet, s. j., **Libre réponse à un scandale**, Paris, Cerf, 1984, p. 63; em nota 19 da página seguinte o autor julga errônea a tradução latina *in quo* em Rm 5, 12 (que podemos traduzir: "como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte..."); mas esta não foi a tradução oficial da Igreja?
- (26) *Id.*, p. 65 s. Citamos G. Martelet, mas ele não se aventuraria sozinho; ver por exemplo: M. J. Labourdette, **Le péché originel et les origines de l'homme**, Paris, Alsatia, 1953; L. Ligier, **Péché d'Adam, péché du monde**, Aubier, 1961; H. Rondet, **Le péché originel dans la tradition patristique et théologique**, Fayard, 1962; H. Renckens, **La bible et les origines du monde**, Desclée, 1964; A. M. Dubarle, **Le péché originel, perspectives théologiques**, Cerf, 1983; F. Castel, **Commencements, Gén. I-XI**, Centurion, 1985; em português a literatura correspondente é de fácil acesso nas Editoras Paulinas e Vozes.

(27) A. Vergote, la loi morale et le péché originel à la lumière de la psychanalyse, em **Démythisation et morale**, Paris, Aubier-Montaigne (Actes du Colloque de Rome, 1965), 1965, p. 189-204.

(28) **Id.**, p. 202.

(29) **Id.**, p. 204.

(30) L. Lorenzetti, Bioetica: quale apporto della teologia?, em **Il Regno-Attualità**, Bologna, 33-589 (15-02-1988) 68.